

OS NOMES DO MAL: VESTÍGIOS DO IMAGINÁRIO RELIGIOSO NO LÉXICO DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Thairane de Jesus Nascimento¹; Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz²

1. Bolsista PIBIC-AF/CNPq, Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: thai-nascimento@bol.com.br
2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rcrqueiroz@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Léxico, Vocabulário religioso, Grande sertão: veredas.

INTRODUÇÃO

O léxico é uma das mais importantes vias de acesso ao patrimônio cultural de um povo, porque é capaz de fornecer informações sobre a língua, a história e a sociedade que representa. Cada lexia é já um recorte do mundo tal qual ele é compreendido por um grupo de pessoas, que ao nomear o que quer que seja deixa entrever as suas crenças e valores mais íntimos. Por esse motivo, o acervo lexical tem atraído a atenção de um número crescente de pesquisadores dentro e fora do Brasil, que veem na Lexicologia uma oportunidade de explorar as palavras por um viés não somente linguístico.

Este trabalho é um recorte da pesquisa em andamento cujo título é “Léxico e Literatura: um estudo do vocabulário religioso de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa”. Insere-se no rol dos estudos lexicológicos que buscam desvendar as ligações entre o linguístico – manifestado concretamente no léxico – e o extralinguístico, que abrange as informações culturais de um povo. No caso desta pesquisa em particular, cujo *corpus* é um romance ambientado no sertão brasileiro de meados do século XX, o foco é o conjunto de representações religiosas que compõem a identidade dos moradores desse espaço.

Assim, apresenta as primeiras análises de uma parte do vocabulário do romance, aquela que se refere à nomeação do mal e da sua personificação – o diabo. Foi esse o viés escolhido por dois motivos. Em primeiro lugar, esse é o mais proeminente em toda a obra: a questão da existência do demônio é mesmo central no romance. Em segundo lugar, por envolver questões da cultura religiosa característica do interior do Brasil mesmo nos nossos dias, e mais ainda na época do romance. O objetivo aqui é explicitar, através de uma análise léxico-semântica dos vocábulos coletados, o modo como a questão da existência e da atuação do diabo no mundo é percebida por um grupo específico e representada por ele.

METODOLOGIA

Foram encontradas no *corpus* noventa lexias diferentes que designavam o mesmo referente, o diabo. Elas foram primeiramente catalogadas juntamente com os contextos linguísticos de que faziam parte, sem os quais não poderiam ser devidamente interpretadas. Procedeu-se, então, à identificação dos processos formadores dos neologismos que figuram entre essas lexias, conforme definidos por Basílio (2000), Alves (1990) e Sandmann (1997). Por fim, a análise dos traços semânticos recorrentes nessas palavras tornou explícitas algumas crenças subjacentes ao imaginário sertanejo, assim como reforçou a convicção de que léxico e cultura são intimamente dependentes um do outro.

RESULTADOS

Além de nomes tradicionais como “diabo” (ROSA, 2006, p. 8, 10, 15, etc.), “demônio” (ROSA, 2006, p. 10, 13, 24, etc.), “belzebú” (ROSA, 2006, p. 181), “Satanaz” (ROSA, 2006, p. 422), e “Lúcifer” (ROSA, 2006, p. 422 e 470) e populares como “capiroto” (ROSA, 2006, p. 8), “capeta” (ROSA, 2006, p. 8 e 470) e “Cão” (ROSA, 2006, p. 39, 463, 504), há um número muito grande de neologismos formados por processos variados, a saber:

1) *Composição:*

- a) De sequência determinante+determinado: “Sem-Gracejos” (ROSA, 2006, p. 39), “grão-tinhoso” (ROSA, 2006, p. 302), “Muito-Sério” (ROSA, 2006, p. 407), “Solto-Eu” (ROSA, 2006, p. 418) e “Sempre-Sério” (ROSA, 2006, p. 419).
- b) De sequência determinado+determinante: “Coisa-Ruim” (ROSA, 2006, p. 39), “pé-de-pato” (ROSA, 2006, p. 39 e 301), “Pé-Preto” (ROSA, 2006, p. 39), “cão-miúdo” (ROSA, 2006, p. 302), “cão extremo” (ROSA, 2006, p. 407), “Coisa-Má” (ROSA, 2006, p. 408), “Pai do Mal” (ROSA, 2006, p. 418), “Pai da Mentira” (ROSA, 2006, p. 419), “Severo-Mór” (ROSA, 2006, p. 424), “demônio-mestre” (ROSA, 2006, p. 471) e “Cão sem açamo” (ROSA, 2006, p. 553).
- c) Da cristalização de sintagmas verbais: “Que-Diga” (ROSA, 2006, p. 8, 9 e 313), “Não-sei-que-diga” (ROSA, 2006, p. 39 e 475), “O-que-nunca-se-ri” (ROSA, 2006, p. 39), “Que-Não-Há” (ROSA, 2006, p. 59), “um-que-não-existe” (ROSA, 2006, p. 139), “Que-Não-Fala” (ROSA, 2006, p. 407), “Que-Não-Ri” (ROSA, 2006, p. 407), “Quem que não existe” (ROSA, 2006, p. 418) e “o-que-não-existe” (ROSA, 2006, p. 501).

2) *Derivação sufixal:*

- a) Acréscimo de morfemas de grau: “Cramulhão” (ROSA, 2006, p. 39 e 301), “satanazim” (ROSA, 2006, p. 80), “Morcegão” (ROSA, 2006, p. 301 e 420), “Drão” (ROSA, 2006, p. 432), “demonião” (ROSA, 2006, p. 432), “diabinho” (ROSA, 2006, p. 471), “Tranção” (ROSA, 2006, p. 476), “Anhagão” (ROSA, 2006, p. 481) e “Satanão” (ROSA, 2006, p. 591).

3) *Conversão (ou derivação imprópria):*

- a) De adjetivos – “Tinhoso” (ROSA, 2006, p. 24), “Sujo” (ROSA, 2006, p. 39, 246 e 591), “Tornado” (ROSA, 2006, p. 39 e 478), “Côxo” (ROSA, 2006, p. 39 e 48), “Canho” (ROSA, 2006, p. 39), “Galhardo” (ROSA, 2006, p. 39) “Tristonho” (ROSA, 2006, p. 39), “Arrenegado” (ROSA, 2006, p. 39, 410 e 493), “Danador” (ROSA, 2006, p. 46), “crespo” (ROSA, 2006, p. 48), “Ocultador” (ROSA, 2006, p. 246), “carôcho” (ROSA, 2006, p. 301), “Maligno” (ROSA, 2006, p. 410, 490 e 511), “Dado” (ROSA, 2006, p. 421), “Danado” (ROSA, 2006, p. 421), “Austero” (ROSA, 2006, p. 424), “Tentador” (ROSA, 2006, p. 480) e “Oculto” (ROSA, 2006, p. 469).
- b) De pronomes – “Tal” (ROSA, 2006, p. 39), “Outro” (ROSA, 2006, p. 40, 301, 473 etc.), “Cujo” (ROSA, 2006, p. 48, 408, 476, etc.) e “Ele” (ROSA, 2006, p. 213, 246, 418, etc.).
- c) De artigo: “O” (ROSA, 2006, p. 512)

- 4) Neologismo semântico: “Indivíduo” (ROSA, 2006, p. 39), “Homem” (ROSA, 2006, p. 39), “Rapaz” (ROSA, 2006, p. 39) e “figura” (ROSA, 2006, p. 301).

5) *Abreviação*: “demo” (ROSA, 2006, p. 8, 11, 22, etc.), “Diá” (ROSA, 2006, p. 40 e 212), “Dê” (ROSA, 2006, p. 140 e 493), “dêbo” (ROSA, 2006, p. 301) e “Xú” (ROSA, 2006, p. 420).

6) *Reduplicação*: “Duba-Dubá” (ROSA, 2006, p. 39)

A análise dessas lexias permitiu a identificação de traços semânticos recorrentes na nomeação, tais como:

1) *Referência à sujeira*: “Tinhoso” (ROSA, 2006, p. 24), “Sujo” (ROSA, 2006, p. 39, 246 e 591), “Tisnado” (ROSA, 2006, p. 39 e 478) e “grão-tinhoso” (ROSA, 2006, p. 302).

2) *Referência a atributos físicos*: “pé-de-pato” (ROSA, 2006, p. 39 e 301), “Côxo” (ROSA, 2006, p. 39 e 48), “Pé-Preto” (ROSA, 2006, p. 39), “Canho” (canhoto) (ROSA, 2006, p. 39), “crespo” (ROSA, 2006, p. 48) e “demônio rabudo” (ROSA, 2006, p. 66).

3) *Referência à tristeza*: “Tristonho” (ROSA, 2006, p. 39), “o-que-nunca-se-ri” (ROSA, 2006, p. 39), “Sem-Gracejos” (ROSA, 2006, p. 39), “mal-encarado” (ROSA, 2006, 301), “Que-Não-Fala” (ROSA, 2006, p. 407), “Que-Não-Ri” (ROSA, 2006, p. 407), “Muito-Sério” (ROSA, 2006, p. 407), “Sempre-Sério” (ROSA, 2006, p. 419), “Austero” (ROSA, 2006, p. 424) e “Severo-Mór” (ROSA, 2006, p. 424).

4) *Referência à sua localização*: “Dos-Fins” (ROSA, 2006, p. 424) e “Das-Trevas” (ROSA, 2006, p. 430).

5) *Referência à sua atuação*: “Danador” (ROSA, 2006, p. 46), “Ocultador” (ROSA, 2006, p. 246) e “Tentador” (ROSA, 2006, p. 480).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença de um número tão grande de lexias para designar o mesmo referente já comprova o lugar que esse sujeito ocupa no imaginário da população sertaneja. Esse lugar é central, devido à função que a religiosidade exerce nos ambientes rurais do Brasil e ao modo como essa religiosidade foi implantada. Aqui, como em outras colônias subjogadas pelos países europeus, a religião cristã ganhou espaço às custas da violência física e principalmente intelectual, que demonizou tudo o que estivesse fora do sagrado cristão. O catolicismo venceu, mas a ideia de que o que não é aceito pela Igreja pertence ao demônio permaneceu, personificando-o até nos menores elementos do dia-a-dia. A presença do mal é tão forte que chega a ser mais visível para eles que a de Deus mesmo, cujas feições não são nem de perto tão bem delineadas no imaginário sertanejo. Assim, é atribuído ao demônio tudo o que é repugnante no mundo, como a feiura, a sujeira, alguns defeitos físicos e até a própria tristeza. Sua presença é cercada de medo, pela ideia de que ele trabalha constantemente pela perdição dos homens, tentando-os, pela sua “danação”. É um temor diretamente verificável em certos processos de criação lexical que visaram a nomeação indireta do demônio através de palavras vazias de sentido em si mesmas (como os pronomes e o artigo “o”), pois até pronunciar o seu nome é “mau agouro”. Mesmo levando em conta o fato de que a maioria dessas lexias é restrita ao espaço do romance, ou seja, nunca teve uma produção real, é evidente o modo como elas traduzem um aspecto tão central da cultura sertaneja, que o estudo lexicológico traz à tona.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. 2006. O estudo do léxico. *In*: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). 2006. *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto. p. 213-225.
- ALVES, Ieda Maria. 2000. *Neologismo – criação lexical*. São Paulo: Ática.
- BASÍLIO, Margarida. 2000. *Teoria lexical*. 7. ed. São Paulo: Ática.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. 2000. *O diabo no imaginário cristão*. Bauru: EDUSC.
- ROSA, João Guimarães. 2006. *Grande sertão: veredas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SANDMANN, Antônio José. 1997. *Morfologia lexical*. 2. ed. São Paulo: Contexto.